



Apoio incondicional aos palestinos contra o estado sionista de Israel e o imperialismo estadunidense!

Organizar em toda parte, em todos os países, campanhas pela derrota militar de Israel e dos EUA!

Pelo Fim do Estado de Israel, enclave do imperialismo ianque na região! A revolução proletária na Palestina e Oriente Médio a libertará da opressão sionista!

O cerco e a ocupação militar do Hospital Al-Shifa, em Gaza, evidenciou o genocídio que o estado sionista, apoiado pelos EUA, promove sobre a nação palestina. Como já ouvimos antes em outras guerras promovidas pelos EUA, os genocidas formularam o pretexto de que haveria uma base militar do Hamas embaixo do hospital. Depois de assassinar muitos funcionários e pacientes, não provaram nada. Foi mais uma narrativa do governo sionista, dentre muitas, oposta aos fatos. De qualquer forma, expulsaram quase todos das instalações. E “encontraram” um carro cheio de armas a cem metros do Al-Shifa.

O sionismo executa em Gaza uma operação que consiste na tomada de territórios, considerados vitais para Israel; no extermínio de boa parte da população desses mesmos territórios; no êxodo forçado da população desses territórios para outro lugar, onde também são exterminados, como já vem fazendo sistematicamente desde a instalação artificial do Estado sionista, em 1948. A identidade de métodos e explicações ideológicas



cas com as ações do nazismo na 2ª Guerra Mundial não é mera coincidência. Um pretenso colonialismo à base do genocídio tem por trás, hoje, não a Alemanha, mas outro imperialismo, o dos EUA, que tem no Estado de Israel um enclave seu na região. É por isso que o governo Biden, contrariamente às decisões e acordos ao redor do orçamento no parlamento de seu país, fornece dezenas de toneladas de armas a Israel a cada semana. E tem buscado impor sua resolução de “direito de defesa de Israel e nenhuma trégua” a países de forma particular, isolada, em viagens de seu Secretário de Es-

tado a vários países.

A chamada “solução dos dois estados”, defendida pela ONU e até por correntes de “esquerda”, não levará ao fim da opressão sobre os palestinos. Sob o capitalismo, a relação entre dois estados só pode ser de opressão de um sobre o outro, daquele de maior desenvolvimento das forças produtivas sobre aquele que é mais atrasado. A libertação dos palestinos depende do fim do estado sionista de Israel e constituição do estado Palestino. Qualquer tentativa de reestabelecimento de um “outro estado” judeu, sob o capitalismo, resultará em mais um enclave do imperialismo na região. Os judeus que foram levados a habitar a região somente poderão realizar a autodeterminação sob o estado operário, de transição ao socialismo.

Enquanto os EUA atuam militarmente na região, com seus porta-aviões, navios, aviões e drones, atacando bases no Líbano e na Síria, os países mais próximos da Palestina, como Líbano, Irã e Síria, receberam mensagens explícitas dos governos da Rússia e da China para não interfe-



rirem no genocídio em Gaza. A situação mundial coloca, de um lado, os Estados Unidos, que buscam ampliar as frentes de guerra, em busca da destruição em larga escala de forças produtivas, como meio para a sua retomada produtiva, para sair da pequenez de 15% da produção mundial, em queda; e de outro, as economia dos estados operários degenerados, China e Rússia, onde ainda persiste o controle estatal dos principais ramos da produção, finanças e comércio exterior, que estão em crescimento e as suas burocracias não têm interesse em novas frentes de guerra. A posição “pacifista” desses países mostra o caráter contrarrevolucionário das burocracias que os governam, e a necessidade histórica da defesa da Revolução Política, abandonada pelas esquerdas em geral. O internacionalismo proletário obriga a defender qualquer nação oprimida contra as garras do imperialismo, em todas as partes. Não importa o caráter político de seus governos ou organizações.

As sucessivas e gigantescas manifestações de massa na Inglaterra, que alcançaram 800 mil nas ruas, e as greves operárias organizadas em portos europeus (Espanha e Bélgica) para evitar o envio de insumos para Israel, mostram o caminho para barrar o genocídio. Nos países imperialistas, é preciso desenvolver o derrotismo revolucionário, que é o de organi-

zar as massas para impor a derrota de seu país, de seu governo, em relação à nação oprimida.

No Brasil, há negócios de sionistas que devem ser atacados, por greves e ocupações, acordos de todo tipo entre os governos, inclusive de repressão policial, que devem ser rompidos. As relações diplomáticas devem ser rompidas, por causa do genocídio promovido sobre os palestinos, e também porque o embaixador de Israel se reuniu com Bolsonaro e se insinuou sua participação na liberação dos reféns brasileiros, mantidos arbitrariamente em Gaza pelo sionismo para usá-los como barganha na imposição ao Brasil do apoio incondicional aos sionistas.

Os explorados no Brasil não puderam ainda atuar de forma mais organizada, porque as direções das organizações de massa, na maioria esmagadora governistas, não pretendem incomodar Lula/Alckmin com movimentos massivos. Não têm uma posição clara de apoio incondicional aos palestinos, inclusive ficar ao lado do Hamas contra o sionismo e o imperialismo. Há todo tipo de pretextos para não agir intensivamente em favor dos palestinos. Uns dizem que tanto o Hamas quanto Israel são terroristas, desconhecendo o conteúdo de classe das formas de violência, e ficando numa posição quase que de neutralidade. Outros defendem

o armamento das massas como condição para apoiar os palestinos, quando Israel tem recebido dezenas de toneladas diárias de armamentos pelas mãos dos EUA para derrotar o Hamas. Há ainda os que dizem que somente quando estivermos às vésperas da revolução socialista será possível fazer alguma coisa, justificando assim sua passividade hoje.

É preciso ira às fábricas, aos portos e aeroportos, às universidades e escolas, aos acampamentos de sem-terra, às reservas indígenas, a toda parte, e defender um movimento geral de combate ao sionismo, ao imperialismo e aos governos subalternos a ele.

A organização das massas ao redor das reivindicações e do internacionalismo proletário, com seus próprios métodos de luta e com independência de classe, é a necessidade colocada.